

PEÇA RADIOFÔNICA, OP.1, N.2

a ser executada todos os dias às 19:00 - horário de Brasília / UTC-3

Concepção, pesquisa e arte sonora: Ana Emerich¹

SINOPSE

Uma textura de temporalidades históricas e dicções atuais, em operações conceituais e poéticas. Todo som tem algo de inapreensível – águas em movimento constante, sendo sempre outras, como disse Heráclito. Uma origem é, por certo, uma inscrição. Mas pode um corpo deslocar e ser deslocado de seus começos? Quantas e quais são as vozes do Brasil, como compõem dizeres junto a vozes da Latino-América e a vozes não humanas? De que modos desestabilizam perspectivas hegemônicas?

Palavras-chave: Som; Imagem; Arquivo; Imaginação Política

SYNOPSIS

A texture of historical temporalities and current dictions, in conceptual and poetic operations. Every sound has something incomprehensible – waters in constant movement, always being different, as Heraclitus said. An origin is, of course, an inscription. But can a body displace and be displaced from its beginnings? How many and what are the voices of Brazil, how do they compose sayings together with voices from Latin America and non-human voices? In what ways do they destabilize hegemonic perspectives?

Keywords: Sound; Image; File; Political Imagination

SINOPSIS

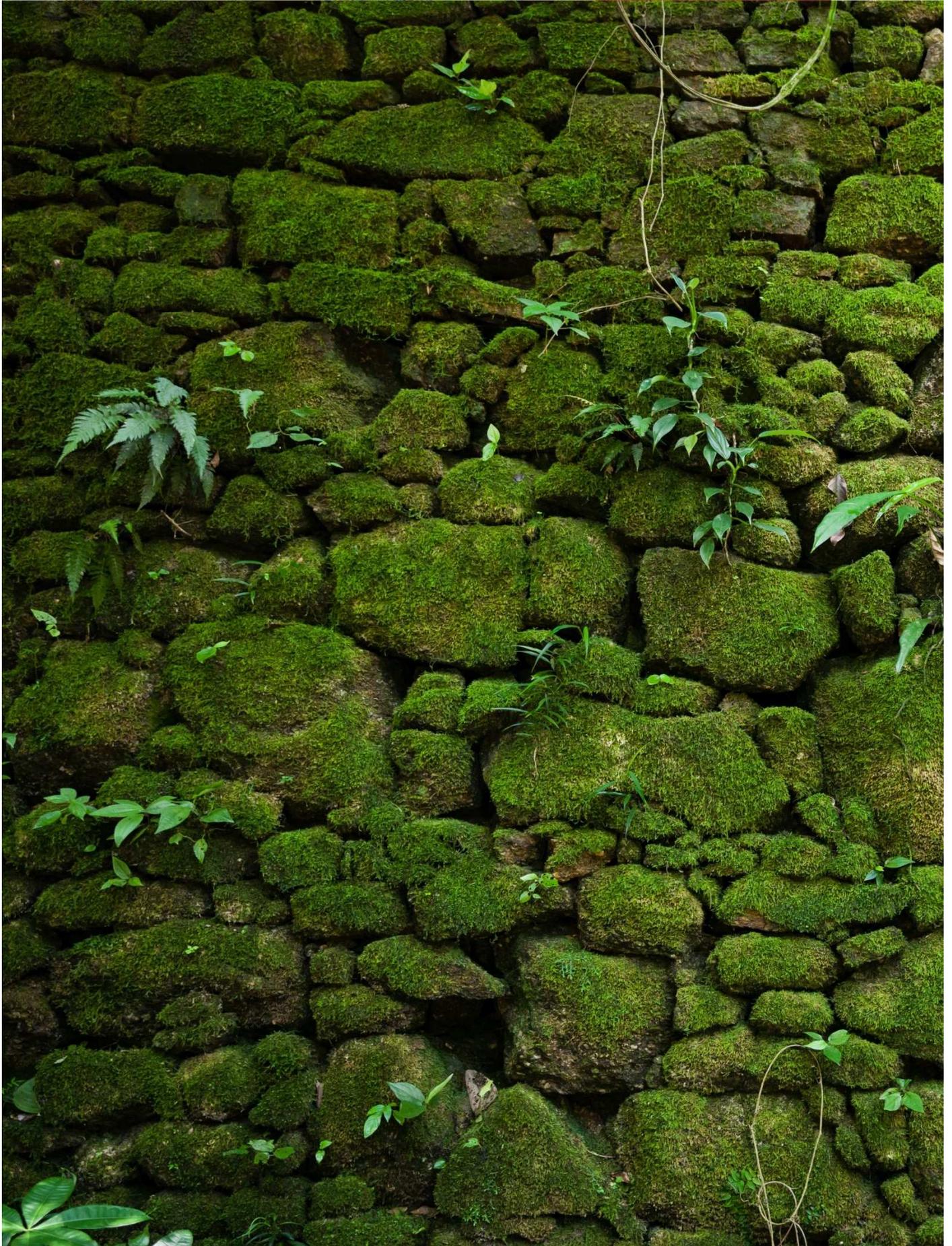
Una textura de temporalidades históricas y dicciones actuales en operaciones conceptuales y poéticas. Todo sonido tiene algo de inaprensible – como las aguas en constante movimiento que nunca son las mismas, ya dijo Heráclito. El origen es, así, una inscripción. Pero ¿puede un cuerpo desplazar y ser desplazado de sus comienzos? ¿Cuántas y cuáles son las voces de Brasil? ¿Cómo expresan palabras al encontrarse con las demás voces de América Latina y con otras no humanas? ¿De qué manera desestabilizan las perspectivas hegemónicas?

Palabras clave: Sonidos; imágenes; archivo; imaginación política.

Com:

Cristina Fangmann (AR), Damiana Bregalda (BR), Fernanda Moraga (CL), Geni Núñez (BR), Nathália Mello (BR/UK), Paola Marugán (ES/BR/MX), Zaíra de Oliveira (BR). Águas do Rio Carioca – Parque Nacional da Tijuca – Mata Atlântica, *Canto de Oxum*, *Canto Guarani*, *É preciso fingir* (Samba de Gentil Torres e Osvaldo Santiago, 1931), Poema *Piedra de Sol*, Octavio Paz (trecho), Ópera *Il Guarany*, Antonio Carlos Gomes (trecho), Orquestra Sinfônica Brasileira.

¹ Ana Paula Ferrari Emerich é doutoranda e mestre em Arte e Cultura Contemporânea - UERJ; Bacharel em Música/Regência - Unicamp. Artista com pesquisas que articulam som, imagem, tempo, topologias da escuta, gravação de campo, perspectivas conceituais, arquivo e imaginação política., seus trabalhos são apresentados em contextos expositivos, editoriais e cênicos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2423-906X> Site: www.anapaulaemerich.com E-mail: anapaulaemerich@gmail.com



PRÓLOGO

No sé... pienso que los momentos liminales abren la posibilidad de que salgan a la luz canales cerrados de la memoria inconsciente (...). En el momento liminal de la cacofonía, de la babel, del desconcierto, hay una inermidad, y a la vez una intensidad subjetiva que te despoja del ego, de la autoridad, y que te permite reconocer tu ignorancia. Y ahí se abre una esclusa de memoria olvidada, reprimida, oprimida, que te da de pronto una luz en medio de todo. Y eso tiene mucho que ver con la creatividad artística y con la acción política.

(CUSICANQUI, 2018, p.137)



FAIXA SONORA

A leitura destas notas de pesquisa é opcional. Algumas relacionam-se de maneira direta às sonoridades de um determinado trecho da composição, outras buscam deslocar percepções, e outras endereçam citações. Estão aqui dispostas em camadas, operando desvios e aberturas às articulações desenvolvidas sonoramente no trabalho.

00:00:01 — Volume é uma palavra que aponta para compreensões diversas, a depender do campo de produção simbólica e conceitual em que está inserida. Um grande volume de água potável, de lama tóxica despejada sobre os rios de Minas Gerais, de esgoto urbano depositado diariamente sobre o rio Carioca, ou um pequeno volume de água que cai de uma torneira doméstica: cada um destes cenários articula referências, expectativas e políticas imagéticas próprias. Volumes hídricos são arquivos da terra, neste sentido, e explicitam o atual flagelo em que se encontram nossas políticas ambientais. Como mostram as discussões amplamente divulgadas pelas mídias locais e internacionais, e como revelam as inúmeras denúncias realizadas por importantes organizações e entidades brasileiras, as práticas públicas do Ministério do Meio Ambiente (MMA) não tem nutrido apreço por condutas éticas, sustentáveis e pela afirmação de vitalidades. No limite do descaso, no âmbito de atos criminosos e deliberados.

00:00:02 — No contexto musical, volume é um parâmetro atrelado ao comportamento das intensidades sonoras. Grandes volumes são obtidos pela execução simultânea de muitos instrumentos em uma orquestra, pela amplificação elétrica de um único timbre, pela prática coletiva de um grupo de pessoas utilizando a voz em uma manifestação nas ruas, e também pela regulagem de um alto falante. Volumes discretos são obtidos ao contrário, com as mesmas vozes em um regime de intensidades mais compacto ou até sigiloso. Um coro de sussurros, ou esta mesma orquestra em um trecho da partitura em *pianíssimo*.

00:01:53 — *Il Guarany* é uma ópera composta por Antonio Carlos Gomes (1836-1896) durante o período em que o compositor realizou seus estudos em Milão, onde a obra fez sua estreia no *Teatro Alla Scala* em 1870. Com temática que reflete representações de um momento sócio-político do país, e ideais de nativismo e de futuro, a obra tem como libreto uma adaptação do romance indianista *O Guarany*, escrito por José de Alencar em 1857, no contexto do nacionalismo literário. É a primeira ópera de um compositor brasileiro a estreiar na Itália, com um enorme sucesso. *Il Guarany* tornou-se a mais célebre página da literatura operística nacional e completou 150 anos em 2020. Além de ocupar palcos teatrais em toda parte, segue ativa nos ouvidos e nas casas do país. O trecho inicial de sua abertura, ou *Protofonia*, foi escolhido como vinheta para identificar o *Programa Nacional de Rádio*. Criado em 1935 durante o período getulista, o programa ganhou destaque e amplitude durante os governos militares e suas construções simbólicas no âmbito ideológico e hegemônico da afirmação de poder. Em 1971, em plena ditadura, passa a se chamar *A voz do Brasil*. O mais antigo programa radiofônico do Hemisfério Sul tem sua transmissão obrigatória para todas as rádios brasileiras. Há 85 anos no ar, quase sempre no horário de 19h (UCT-3, horário de Brasília), *A voz do Brasil* veicula informes e notícias dos Três Poderes diariamente: 25 minutos para o Executivo; 10 minutos para o Senado Federal; 20 para a Câmara; 05 para o Judiciário. O TCU (Tribunal de Contas da União), conta com espaço de transmissão de 01 minuto, três vezes por semana. Mas, quantas e quais são as vozes do Brasil? Quais e quantas vozes foram silenciadas, e ainda são?

00:00:03 — Grandes ou pequenos volumes, em si, não determinam relações de produção do sentido narrativo ou imagético embora despertem imediatas sensações. Outras variáveis da linguagem sonora e de seu espaço de acontecimento se justapõem aos volumes para constituírem um panorama: uma articulação conceitual, uma composição. A associação entre intensidades (volume) pode criar massas sonoras com densidades (peso) distintas. A combinação de timbres – fontes sonoras e instrumentos com diferentes características espectrais – cria arquiteturas mais, ou menos, complexas.

00:00:04 — No contexto das artes visuais, no campo escultórico, volume é um objeto. Mas também um parâmetro topológico, na medida em que estabelece com o espaço relações irrevogáveis, alterando a percepção do lugar e implicando a observação em perspectivas não necessariamente pictóricas. Ao posicionarmos a **escuta como relevo de uma experiência** estamos falando, também, de escultura. Um *volume do tempo* é um arquivo que carrega consigo um pensamento escultórico pelas possibilidades de modular espaço, imaginação e temporalidades, pelas interlocuções poéticas e críticas que proporciona a uma criação artística, e pela construção de imagens acústicas não condicionadas a um viés representativo, nem do passado, nem do futuro. Volumes do tempo *performam* materialidades em constante movimento de aparição e desaparecimento: “Nos arquivos da arte contemporânea, os documentos não representam provas, mas imagens que elaboram a disjunção entre retenção e perda, a ausência e a expectativa, o passado e o presente.” (DA COSTA, 2015, p 15)

00:03:26 — Neste trecho escutamos Zaíra de Oliveira (1891-1951) em um fonograma de 1931, em primeiro plano e sem cortes. A soprano Zaíra apresentou-se em temporadas líricas no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, nas primeiras transmissões da *Rádio Sociedade* e acompanhada pela orquestra do Maestro Pixinguinha na *Grande Exposição do Centenário da Independência*, em 1922. Gravou discos e desenvolveu um sólido percurso musical e radiofônico. É preciso dizer que Zaíra foi impedida de receber um importante prêmio lírico, conquistado em 1921 através de um concurso na cidade do Rio de Janeiro. Impedida pela violenta estrutura racista, misógina e classista do Brasil.

00:00:05 — Na sequência sonora, as águas do Rio Carioca (soterradas sob camadas de asfalto no início do século XX, como parte do projeto de urbanização e “progresso” da cidade) voltam à superfície. Os volumes líquidos são também vozes e dizeres, articulando uma trama de diferentes intensidades. As gravações foram realizadas entre fevereiro e abril de 2019 no alto curso deste rio que orientou a fundação da cidade do Rio de Janeiro. Ainda existe um trecho de seu leito a céu aberto, em área de proteção ambiental, no Parque Nacional da Tijuca. Grande parte da equipe que viabilizou esta pesquisa de campo e incursões na Mata Atlântica para coleta de som e imagem foi destituída de suas posições

recentemente, em 2020, sob argumento de mudanças nas políticas ambientais e patrimoniais do país. Para onde caminhamos?

00:07:52 — *Canto de Oxum*, em *boca chiusa*. Cantar com a boca fechada, traduzindo literalmente, é uma técnica utilizada para aquecimentos vocais – e para entoar cantigas de ninar – porque cria certas ativações da musculatura e aparelho fonador, produz espaço interno na cavidade bucal e tem como resultante uma sonoridade macia, em intensidade moderada, com timbre caloroso e terno. Trecho gravado dentro da *Caixa da Mãe D’água* – em meio às obras de restauro do *Reservatório do Carioca*, no bairro Santa Teresa, em 2019.

00:00:06 — Não um espelho d’água, mas desvios e confluências. Um gesto de inflexão mais do que de reflexão. Criar, hoje, talvez seja mover-se entre fraturas indeléveis em companhia de algum vento de renovação insurgente. Fazer curvas subliminares ou grandes voltas, articular. Há tempos, o labor artístico está solapado por violências do capital financeiro, que constrói circuitos e esquemas de circulação duvidosos assim como sustenta hierarquias históricas. Opor-se a práticas de captura parece ser um deslizar político e também um ato sem destino de pureza ou afastamento. Mas que opera em contrapontos sutis ou estrondosos ao permear embates e compor proximidades. Que outras flexões são possíveis ao tempo e no corpo do agora?

00:09:28 — Interferências, trechos, rasuras e deslocamentos contextuais ao poema *Pedra de Sol*, de Octavio Paz:

“(…) y el huracán de los motores, fijo:

(...) tocar nuestra raíz y recobrarlos,
recobrar nuestra herencia arrebatada
por ladrones de vida hace mil siglos,

(...) caminas como un árbol, como un río,
caminhas y me ablas como un río,

(...) y su mirada que nadie contestó:
¿por qué me matan?”

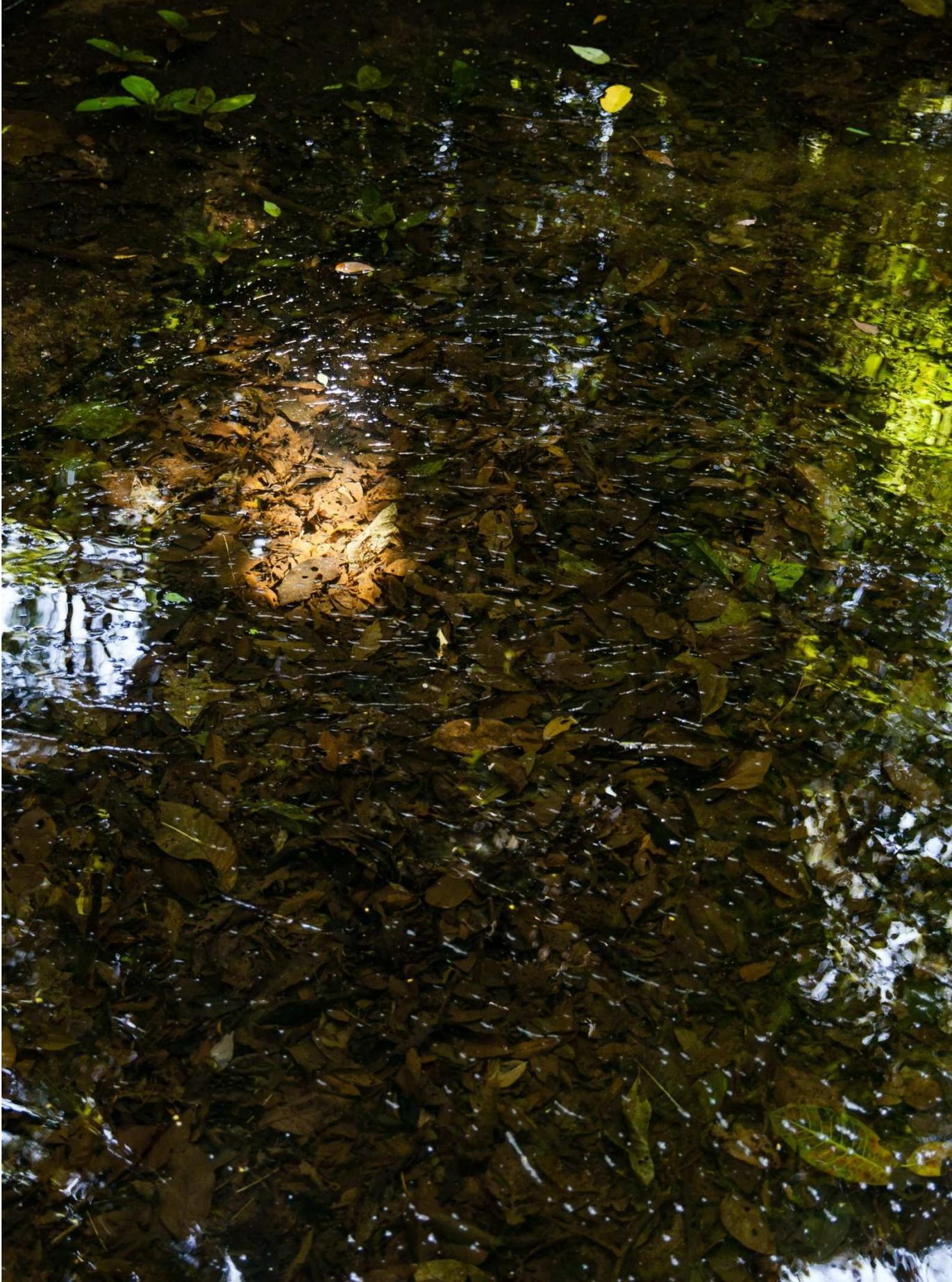
00:00:07 — No Brasil, políticas de Estado são exercidas contra povos originários de maneira brutal e criminosa: franca exploração de terras pelo agronegócio e veloz avanço do desmatamento em territórios indígenas; falta de fiscalização e de medidas punitivas aos garimpos ilegais; condescendência com os crimes ambientais praticados pelas mineradoras outorgadas e consórcios internacionais; negligência à pluralidade de corpos, etnias, e aos direitos dos povos originários, quilombolas e das populações ribeirinhas à terra. Os abusos diários somam-se ao amplo interesse do capital financeiro contra a demarcação de terras garantidas pela Constituição de 1988, e promovem um número massivo de violações e mortes, sobretudo em meio ao caos pandêmico e agravado pelas atuações deliberadas do Governo Federal. As decisões e atitudes do Estado brasileiro caminham em sentido francamente oposto aos direitos legais constituídos, e ao contrariar o princípio e o entendimento de território para estas populações: “Quem tem território tem para onde voltar, tem colo e tem cura.” (XAKRIABÁ, 2020, online)

00:13:33 — O *Canto Guarani* gravado por Geni Núñez para a *Peça Radiofônica* tem a seguinte tradução, em suas palavras: “Este canto Guarani fala sobre força para seguir, sobre caminharmos todos juntos a um caminho lindo”. Na faixa sonora, sua voz compõe uma ação poética e política ao friccionar o papel das hierarquias históricas, das imagens e narrativas reiteradas, abrindo perspectivas afirmativas com seu canto. Em uma operação conceitual, a voz de Geni interfere e desarticula *A Voz do Brasil* com a força e o com o corpo de muitas vozes que ela traz junto consigo. Este Canto foi proposto por Geni, a partir de nossas conversas sobre o contexto e arquitetura do trabalho.

00:00:08 — Contraponto, no contexto musical, é uma técnica de composição extremamente precisa e muito livre ao mesmo tempo. Propõe menos uma síntese, e mais uma textura em seu espaço de acontecimento. Parece possível afirmar que as texturas contrapontísticas são feitas de decisões a cada pequeno movimento, e que as práticas de dissenso que abarca e propõe são sua própria condição sonora. O simples deslocamento simultâneo entre duas notas, de um compasso ao outro, não é garantia de afirmação ou ponto de chegada à uma resultante harmônica. Mas a possibilidade de pensar e agir em configurações singulares-plurais, de conviver e habitar contradições.

00:00:09 — (Propomos aqui a categoria imagem para toda operação que movimenta algum tipo de visualidade. Seja ela memorial, imaginada, evidente, fragmentada, plástica, opaca. Sem primazia das significações pelo olhar ao abarcar topologias da escuta e ao pensar imagens como objetos complexos, em seus traços dissidentes).

00:00:10 — Gestos simultâneos no engajamento de temporalidades históricas, geográficas, subjetivas e não lineares, porque a memória parece ser um escape das imagens mais do que uma captura do tempo. Todo som tem algo de inapreensível – águas em movimento constante, sendo sempre outras como disse Heráclito. Uma origem sonora é, por certo, uma inscrição. Mas, pode um corpo deslocar e ser deslocado de seus começos? Como vozes constituem um dizer? A esta pesquisa interessa abarcar **topologias da escuta**, articular imagens e imaginação política. Assim, as gravações (volumes captados) não estabelecem hierarquia entre vozes humanas e não humanas, entre material sonoro histórico e os sons gravados no tempo presente, desestabilizando a noção trivial de arquivo – de algo pertencente ao tempo estanque e disposto em um registro fixo, uma história única, uma perspectiva alegórica. Outras narrativas, operações e escapes parecem possíveis aos **volumes do tempo**.



LOCUÇÃO

Na transmissão de hoje, ouvimos a *Peça Radiofônica Op.1, N.2*, composta a partir de materiais de acervo, fragmentos de trabalhos anteriores e de gravações realizadas pelas pessoas participantes, desde suas casas e aparelhos celulares, em agosto de 2020. A composição é um aspecto da pesquisa de doutorado em desenvolvimento no PPGArtes UERJ com o título *Arquivos Sonoros como Volumes do Tempo* e busca situar a noção de arquivo como um objeto (volume) de vozes polifônicas: 1. Que abarca dados, rastros e memórias em seu suporte histórico de registro; 2. Que documenta e fixa temporalidades, contextos, timbres e imagens (auriculares e não somente). A pesquisa localiza a ideia de arquivo como um disparador de escutas e suas topologias, oferecendo perspectivas poéticas para articulação de um campo de fabulações no território da arte contemporânea. Se todo contraponto a hegemonias parece opor-se a práticas de captura, os arquivos sonoros como volumes do tempo podem modular permanências e escapes – de corpos vivos, lugares e suas vozes – em operações críticas, conceituais e “do ponto de vista das fronteiras movediças” (RAMIREZ, 2007, p.185). Em dicções, idiomas e traçados da memória no tempo do agora.

REFERÊNCIAS

BASBAUM, Ricardo. *Within the Organic Line and After* in ALBERRO, Alexander e BUCHMANN, Sabeth (Eds.), “Art after conceptual art”, Massachusetts, MIT Press, Viena, Generali Foundation, 2006.

CORREIA, Marina; CALISTO, Ana Maria Durán; GARETH, Doherty; MOSTAFAVI, Mohsen; VALENZUELA, Luis. (Eds/Orgs). *Urbanismo ecológico na América Latina/ Urbanismo ecológico en América Latina*. Cambridge: The Harvard University – School of Design, 2019.

CUSICANQUI, Silvia. *Un mundo ch’ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

DA COSTA, Luiz Cláudio. *A gravidade da imagem: arte e memória na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Quartet-Faperj, 2014.

PAZ, Octavio. *Piedra de Sol/Pedra de Sol*. São Paulo: AnnaBlume Editora, 2009. Versão bilíngue, tradução de Horácio Costa.

RAMÍREZ, Mari Carmen. *Táticas para viver da adversidade. O conceitualismo na América Latina. Arte & Ensaios – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA-UFRJ*, ano XIV, número 15, 2007, p. 184-195.

_____. Blueprint circuits: conceptual art and politics in Latin America, in ALBERRO, Alexander e STIMSON, Blake. (Eds.) *Conceptual art: a critical anthology*, Cambridge, MIT Press, 1999.

SCHLEE, Mônica Bahia; CAVALCANTI, Nireu; TAMMINGA, Kenneth. *As transformações da paisagem na bacia do rio Carioca*. In *Paisagem Ambiente: Ensaios*, n. 24. P. 267 – 284, 2007.

VOLZ, Jochen; NGCOBO, Gabi. (Org). *Art, the Political and Multiple Truths [Verbier Art Summit]*. Londres: Koenig Books, 2019.

XAKRIABÁ, Célia. Entrevista para a Rede Cerrado, em 19 de abril de 2020 [online]. Disponível em <https://redecerrado.org.br/especial-se-o-virus-chegar-nos-territorios-indigenas-pode-acontecer-um-extermínio-em-massa/> . Acesso em 19 de junho de 2021.

IMAGENS

Registros realizados durante pesquisa de campo e coleta sonora no alto curso do Rio Carioca, Parque Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro. Fotos: Cicero Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Alberto Pacheco; Cicero Rodrigues; Damian Kraus; Fernanda Pequeno; Biblioteca Nacional; ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade; INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural; JALLA 2020 – Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana; UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México; Luciana Martins Frazão; Luiz Cláudio da Costa; MIS - Museu da Imagem e do Som; Parque Nacional da Tijuca; Tila Cappelletto.

